

Neoclassicismo Brasileiro

- **Aula régia de desenho e pintura** em 1800, o governo assumia a responsabilidade pela formação dos artistas, até então exclusividade das ordens religiosas.

(http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_aulas_regias.htm)

- Transferência da corte em 1808;
- Mudanças políticas, socioeconômicas e culturais no Brasil;
- Elevação do Brasil de colônia a **Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves** (1815) pelo Príncipe-regente Dom João Maria de Bragança (futuro Rei **Dom João VI**);



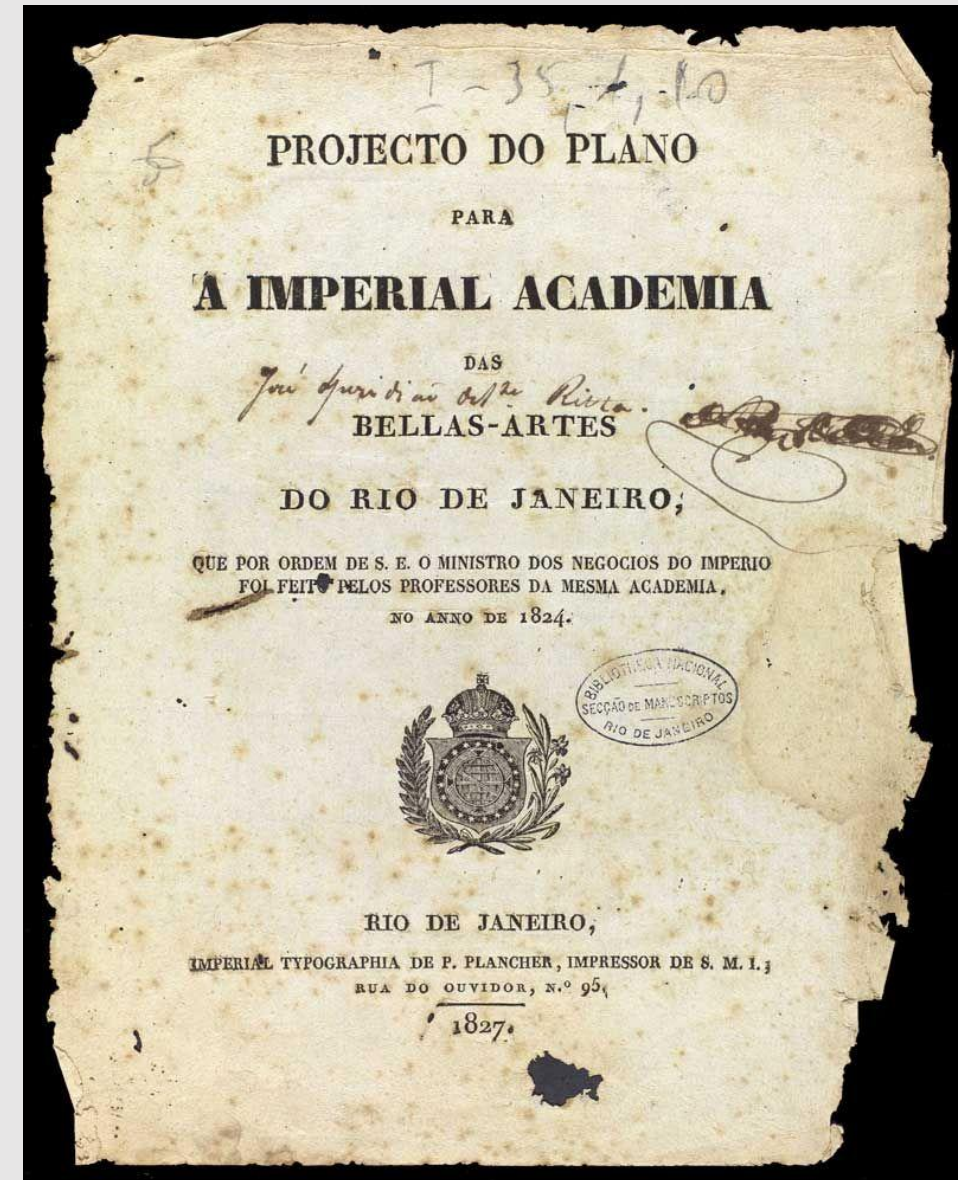
Armas do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, incluídas num troféu esculpido no castelo de Estremoz, Alentejo, Portugal.

- *O traço marcante do neoclassicismo está no fato de ter se constituído no mais **típico exemplo de arte dirigida, para servir ao poder e aos interesses da classe dominante.** O artista centraliza seu destino na academia de arte, laica e oficial, onde se formará sob preceitos teóricos e práticos claramente definidos. No culto ao Belo eterno e à forma ideal, inspirado pelos gregos, o neoclassicismo foi uma expressão estética da burguesia (...). Foi essa a concepção de arte que a **Missão Artística de 1816** trouxera de Paris para o Brasil.* (Pequena História da Arte no Brasil. Dúlio Battistoni Filho. Pg.43)

Missão Artística Francesa de 1816 – Colônia Lebreton.

- Em 26 de março de 1816 aporta no Rio de Janeiro um grupo de artistas franceses, liderados por **Joachim Lebreton** (1760-1819), secretário recém-destituído do *Institut de France*. Acompanham-no o pintor histórico **Debret** (1768-1848), o paisagista **Nicolas Antoine Taunay** (1755-1830) e seu irmão, o escultor **Auguste-Marie Taunay** (1768-1824), o arquiteto **Grandjean de Montigny** (1776-1850) e o gravador de medalhas **Charles-Simon Pradier** (1783-1847). O objetivo é fundar a primeira **Academia de Arte no Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves**.

(<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo340/missao-artistica-francesa>)



Representação à Imperial Academia das Belas Artes, sobre a necessidade de sua organização definitiva, 1827. Documento completo:

http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1245292_94/mss1245292_94.pdf

Vídeo produzido pela Globo News, 1808 – “A Corte no Brasil, Arte e Ciência – O reino do saber”, 2008.

<https://www.youtube.com/watch?v=98Jt83DScVg&t=684s>



Joaquim Lebreton (1760-1819). 1795, pintura a óleo. Museu de Arte Nelson-Atkins, Kansas City, Missouri

Joaquim Lebreton (1760-1819)

Chefe da Seção de Museus, Conservatórios e Bibliotecas e depois da Seção de Belas Artes do Ministério do Interior; secretário perpétuo da classe de Belas Artes do Instituto de França e membro do Tribunato – a Assembléia Legislativa instituída pela constituição do VIII da revolução (1799).

Indicado pelo naturalista Alexander Von Humbolt para comandar a missão artística para o Brasil, convidou alguns dos artistas com quem manteve relações durante seu período no Instituto de França: Jean Baptiste Debret, Augusto Taunay e Grandjean de Montigny. Consigo, Lebreton trouxe 54 obras de arte, entre originais e cópias, pretendia vendê-las ao governo português como núcleo da futura pinacoteca da Academia do Rio de Janeiro. No rio de Janeiro recebeu elevada pensão, foi apoiado pelo Conde da Barca, idealizador do projeto, e acolhido por D. João VI.

Após a morte do Conde da Barca, em 1817, Lebreton percebeu que seu projeto de implantação da Academia de Artes demoraria ainda muito a se realizar. Cansado de lutar contra a inércia e a má vontade governamentais, retirou-se para uma chácara na praia do Flamengo, onde faleceu em 1819 aos cinquenta e nove anos. <http://bndigital.bn.gov.br/joaquim-lebreton/>



Augusto Müller: Retrato de Grandjean de Montigny, óleo sobre tela, c. 1843.

Grandjean de Montigny (1766-1850)

Grandjean de Montigny inaugura com a Academia Imperial de Belas Artes (Aiba) o **ensino formal de arquitetura no Brasil**, e é um dos principais responsáveis pela afirmação do **neoclassicismo como a arquitetura oficial da corte no Rio de Janeiro**. Formado pela École d'Architecture [Escola de Arquitetura] de Paris em plena Revolução Francesa (1789-1799), Montigny inicia a carreira profissional vinculado ao neoclassicismo do **período napoleônico**, sobretudo aquele seguido por seus professores Charles Percier e Pierre-François-Léonard Fontaine, arquitetos do imperador Napoleão Bonaparte. Dos projetos realizados na Europa merecem destaque - pelo que revelam de sua formação e de suas filiações artísticas - o projeto vencedor no Grand Prix de Rome, Eliseu ou Cemitério Público, de 1799, e o plano de Reunião do Louvre às Tulherias, apresentado em concurso público em 1810.

GRANDJEAN de Montigny. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa214530/grandjean-de-montigny>>. Acesso em: 15 de Abr. 2019. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

Solar Grandjean de Montigny, no estilo neoclássico, foi construído entre 1819 e 1828, servindo de residência ao arquiteto, sendo hoje o centro cultural da PUC-RJ.
Fonte: IPHAN-RJ

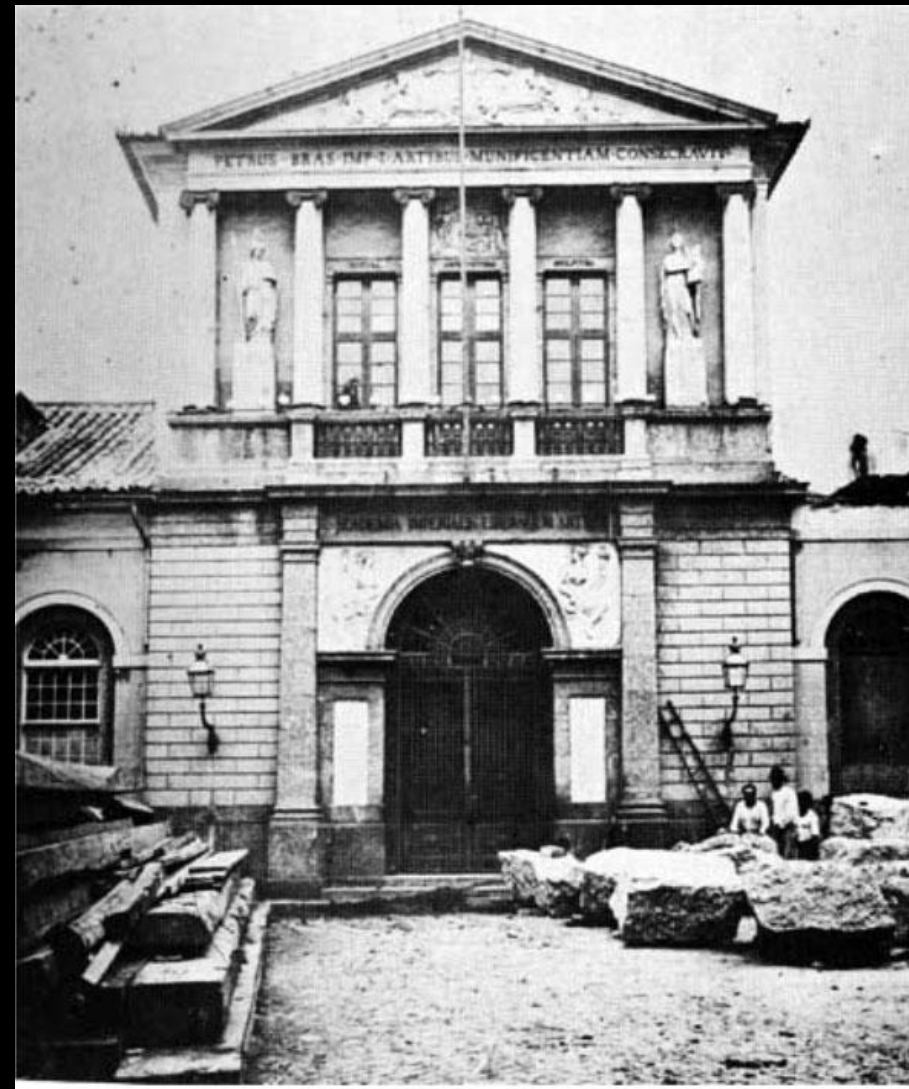




Solar Grandjean de
Montigny, fachada posterior.

Fonte: http://www.puc-rio.br/sobrepucc/depto/solar/historia_solar.html

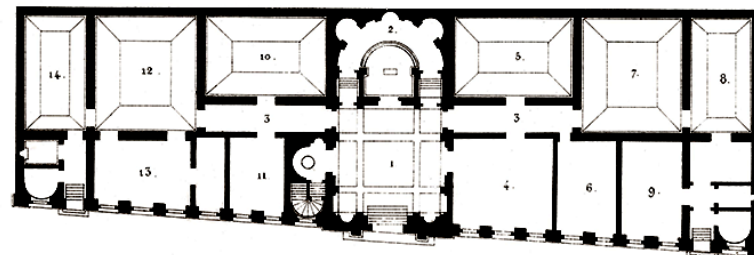
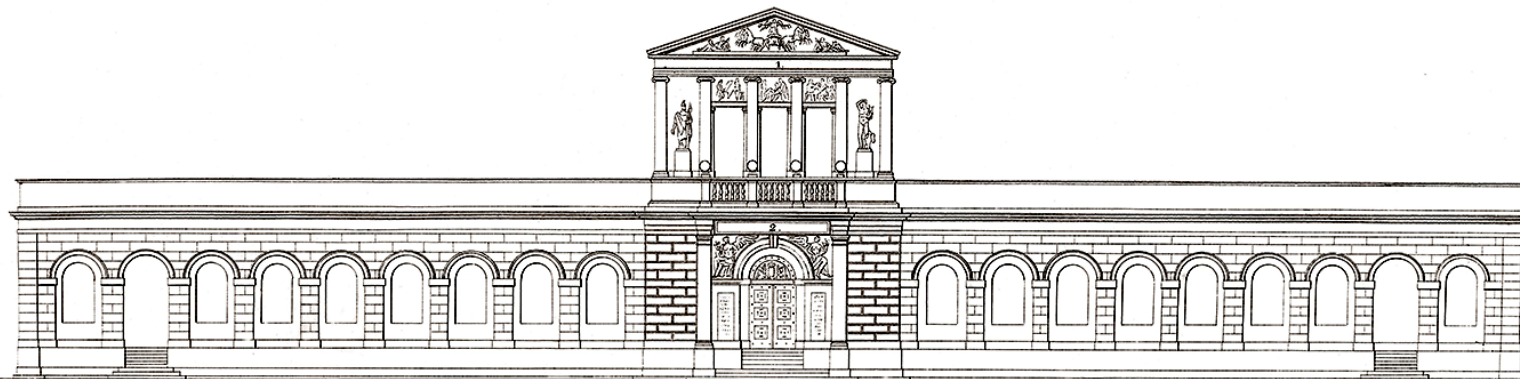




Pórtico da Academia Imperial, à antiga Travessa do Sacramento (fotografia de Marc Ferrez, 1891). Serve hoje como pórtico do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

1.
PETRUS · I · BRAS · IMP · I · ARTIBUS · MUNIFICENCIAM · CONSECRAVIT ·

2.
ACADEMIA · IMPERIALIS · BELLARUM · ARTIUM ·



J.B. Debret del.

Lith. de Thierry frères.

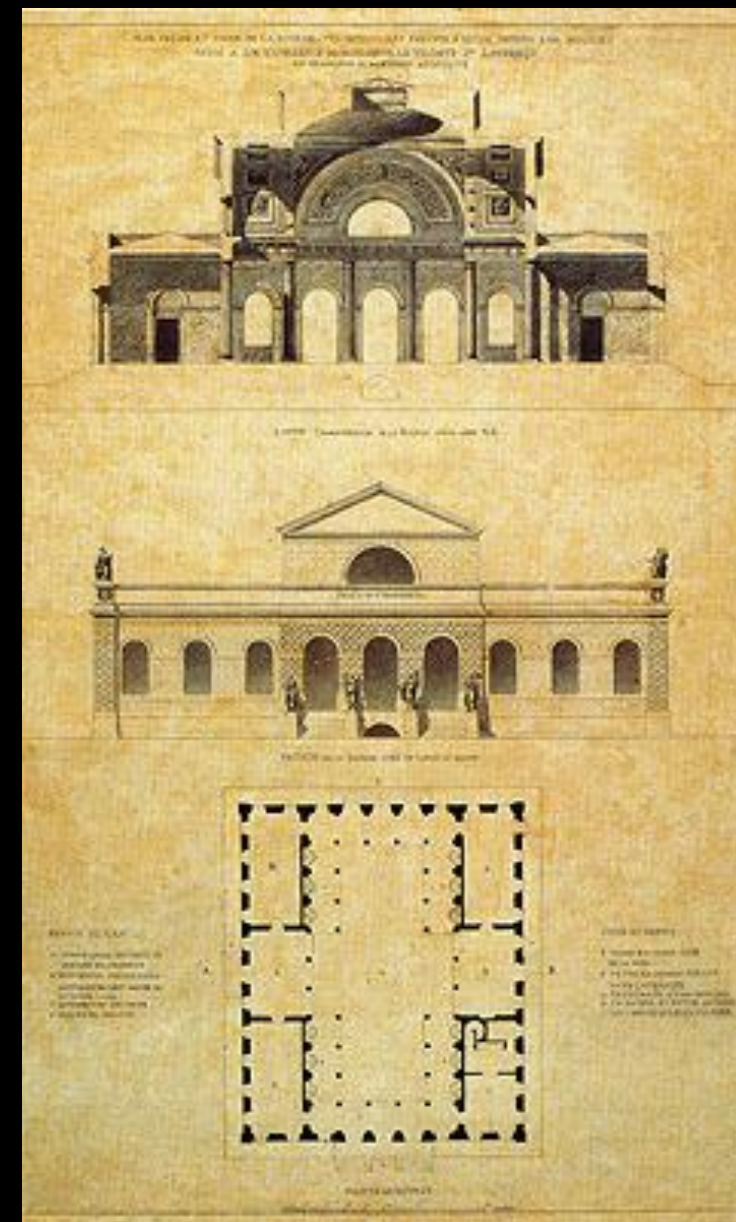
ACADÉMIE IMPÉRIALE DES BEAUX ARTS · DE RIO DE JANEIRO.

Ouverte à l'étude le 15 Novembre 1826.

Projeto da praça do Comércio. Traço e aguada de nanquim, 53.50 cm x 34.80 cm, Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro, RJ)



Façada principal da Praça do Comércio (1819-1820), atualmente Casa França-Brasil.



Projeto da praça do Comércio. Traço e aguada de nanquim, 53.50 cm x 34.80 cm, Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro, RJ)



Vista interna da Praça do Comércio (1819-1820), atualmente Casa França-Brasil.

José Maria Jacinto Rebelo (1821-1871)

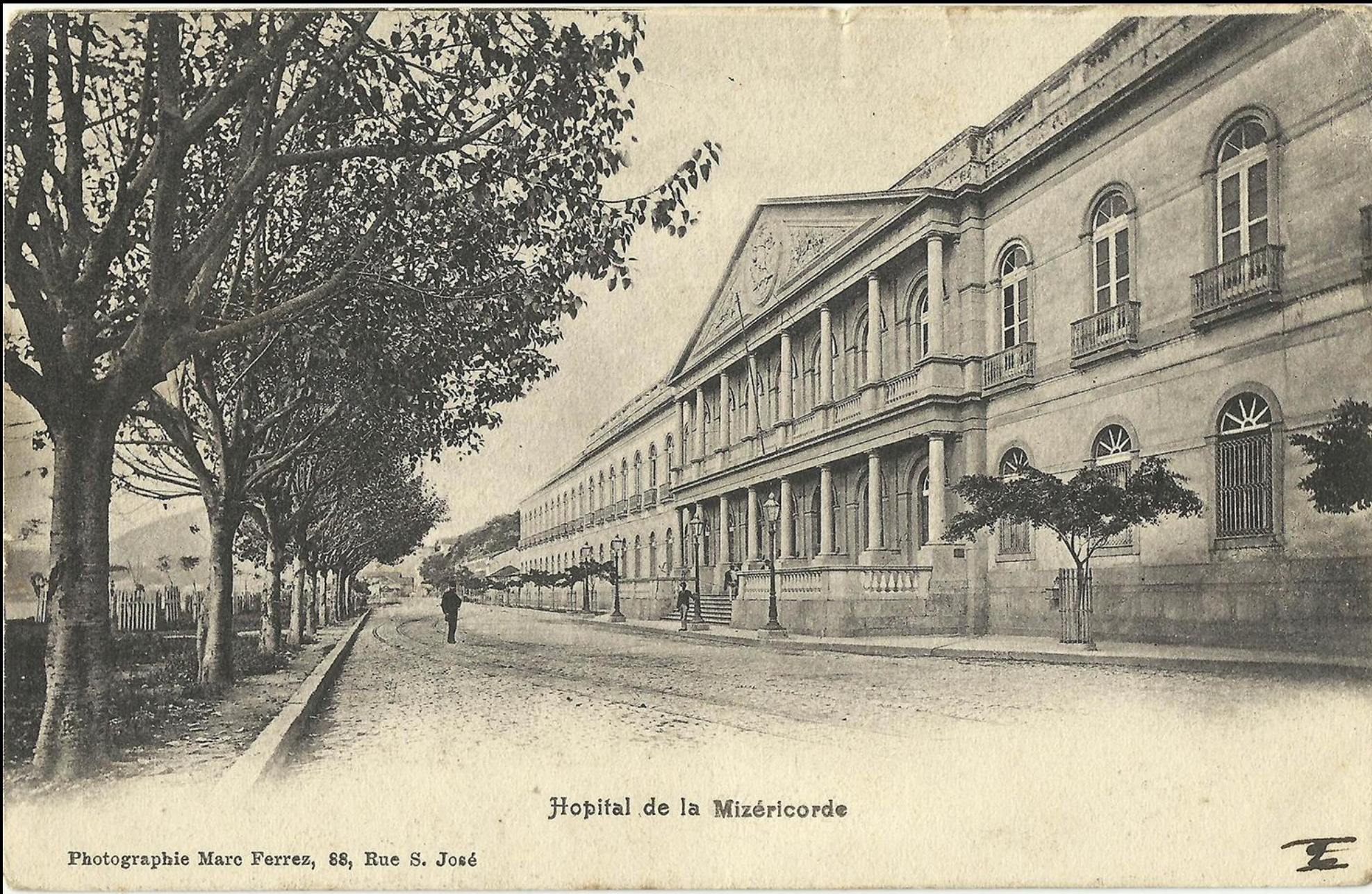
Foi aluno de Grandjean de Montigny e considerado o maior arquiteto da sua época no Brasil.

Foi um dos construtores do Palácio Imperial de Petrópolis. Autor do pórtico do prédio da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, na Rua de Santa Luzia.

A ele também é atribuído o projeto do Palácio do Itamaraty, em estilo neo-clássico e o projeto inicial do pórtico monumental do Cemitério do Caju.

1865 – Foi o responsável pela reforma do palacete de estilo neo-classico, (hoje Palácio Guanabara), para servir de residência à princesa Isabel e ao conde D'Eu, recém-casados.

(http://brasilartesenciclopedias.com.br/tablet/nacional/rebelo_jose_maria.php)



Hopital de la Mizéricorde

Photographie Marc Ferrez, 88, Rue S. José

Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro (Fotografia de Marc Ferrez, 1880).



Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro: entrada principal.



1845-1862. O projeto foi de Júlio Frederico Koeler, superintendente da fazenda Imperial, e após sua morte foi constituído pelos arquitetos Joaquim Cândido Guilhobel e José Maria Jacinto Rebelo. Site do museu: <http://museuimperial.museus.gov.br>



Gabinete de estudo do príncipe Dom Pedro Augusto palácio imperial de Petrópolis Rio de Janeiro



Um dos tronos usados por Dom Pedro II está na Sala de Estado

Nicolas Antoine Taunay (1755 - 1830)

Apesar da curta permanência do pintor francês Nicolas Taunay no Brasil (1816-1821), sua produção de pinturas com temas brasileiros¹ é de extrema importância para a história da arte do país no século XIX, principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento da pintura de paisagem entre nós. Quando chega ao Rio de Janeiro, em 1816, como integrante da Missão Artística Francesa - liderada por Joachim Lebreton (1760 - 1819), cujo objetivo é criar a primeira academia de artes no país - , Taunay, aos 61 anos, já é artista com larga experiência e renome na França.



Autorretrato, antes de 1830, técnica crayon sobre papel. Dimensões 25,5 × 21 cm. Coleção Museu Nacional de Belas Artes - Rio de Janeiro.

(NICOLAS Antoine Taunay. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa24452/nicolas-antoine-taunay>>. Acesso em: 16 de Abr. 2019. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7)

Retrato da Marquesa de Belas
(1816). Óleo sobre tela, 68,5 x
51,2 cm. Pinacoteca do Estado
de São Paulo.



Duquesa de Abrantes, mulher de Junot escreve sobre dona Carlota: “ (...) Pude conhecê-la a fundo e devo apresentá-la tal como a conheci.

(...)uma mulher com a sua desgraçada complexão tivesse podido viver como viveu. Dizer que uma mulher é feia basta para não termos ilusão a respeito do seu rosto, mas não é o suficiente: é preciso descobrir aquela fisionomia espantosa para nos atrevermos a contar o que se segue (...).

A princesa do Brasil teria um metro e sessenta de altura na parte mais alta do corpo. E digo isto porque uma queda de cavalo lhe reduzira de tal modo uma anca que coxeava horrivelmente, e a clavícula, também desarticulada, tomara uma direcção contrária á da sua companheira. Resultava de tudo isso que o peito da pobre princesa era, como restante de seu corpo, um enigma da natureza, quando esta se propõe equivocar-se. Ouvi dizer que vista despida, aquele espaço de sua pessoa era de uma deformidade risível.

A cabeça, se tivesse sido formosa, teria podido neutralizar a deformidade do corpo, como sucede a muitos corcundas; mas a natureza quisera completar a sua obra e sobre aquele corpo lamentável colocou a cabeça mais estapafurdidamente feia que se viu neste mundo. (...). A boca, que era o mais curioso daquela face repelente, tinha várias filas de dentes negros, verdes e amarelos, postos de través, com a franja de uma cortina ou a flauta de Pã (...).” Taunay e o Brasil, obra completa 1816-1821, Pedro Corrêa do Lago, pg. 154-156.

D. Carlota Joaquina. Óleo sobre tela, 64 x 54,8 cm, c. 1817. Coleção do Rei Fernando VII, Madri, Coleção Real, Madri. Pálacio Nacional de Queluz, Sintra.





Vista do Outeiro, Praia e Igreja da Glória (c. 1817), Museu Castro Maya - IPHAN/MinC - Rio de Janeiro. Óleo sobre tela, 37 x 48,5 cm



**Vista da Baía do Rio e da
praça do largo da carioca
tomadas do jardim do
convento de Santo
Antônio, 1818. 46,5 x 57,4
cm, MNBA, RJ.**



**Moisés salvo das
águas.** Salão de 1827.
Óleo sobre tela, 65 x
81,5 cm. Museu
nacional de belas
Artes, Rio de Janeiro.



Jean-Baptiste Debret: autorretrato publicado em **Voyage pittoresque et historique au Brésil** (1834)

Jean Baptiste Debret (1788-1848)

Estuda na Academia de Belas Artes, de Paris, entre 1785 e 1789. Aluno do pintor francês Jacques-Louis David (1748 - 1825), forma-se, portanto, dentro dos ideais neoclássicos. Pintor de história (...)

Integra a Missão Artística Francesa, que vem ao Brasil em 1816, cujo primeiro objetivo é promover o ensino artístico no país. (...) Realiza em 1818, com o arquiteto Grandjean de Montigny (1776 - 1850) a ornamentação das ruas da cidade do Rio de Janeiro, para a aclamação de D. João VI (1767 - 1826). Na Academia Imperial de Belas Artes - Aiba, a partir de 1826, ensina pintura histórica. Paralelamente, visita várias cidades do país, representando suas paisagens e costumes. Organiza, em 1829, a Exposição da Classe de Pintura de História da Academia, importante por ser a primeira mostra pública de arte no Brasil, dando origem às Exposições Gerais, com prêmios oficiais. (...) Debret retorna à França em 1831. Parte das aquarelas feitas no Brasil, litografadas, ilustra a obra **Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil**, publicada entre 1834 e 1839. O livro, em três volumes, trata das florestas e dos selvagens, das atividades agrárias, do trabalho escravo e também dos acontecimentos políticos e culturais. (JEAN-BAPTISTE Debret. In:

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa18749/jean-baptiste-debret>>. Acesso em: 16 de Abr. 2019. Verbete da Enciclopédia.

ISBN: 978-85-7979-060-7)



Retrato de D. João VI. Óleo sobre tela, 60 x 42 cm. Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro.



Charles Pradier .
Retrato de D. João VI.
Gravura c. 1820. Óleo sobre tela, 61,4 x 41,7 cm. Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro. Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro.



Coroação e Sagração de D. Pedro I. Óleo sobre tela; 45 x 70 cm, Museu de Belas Artes, Rio de Janeiro.



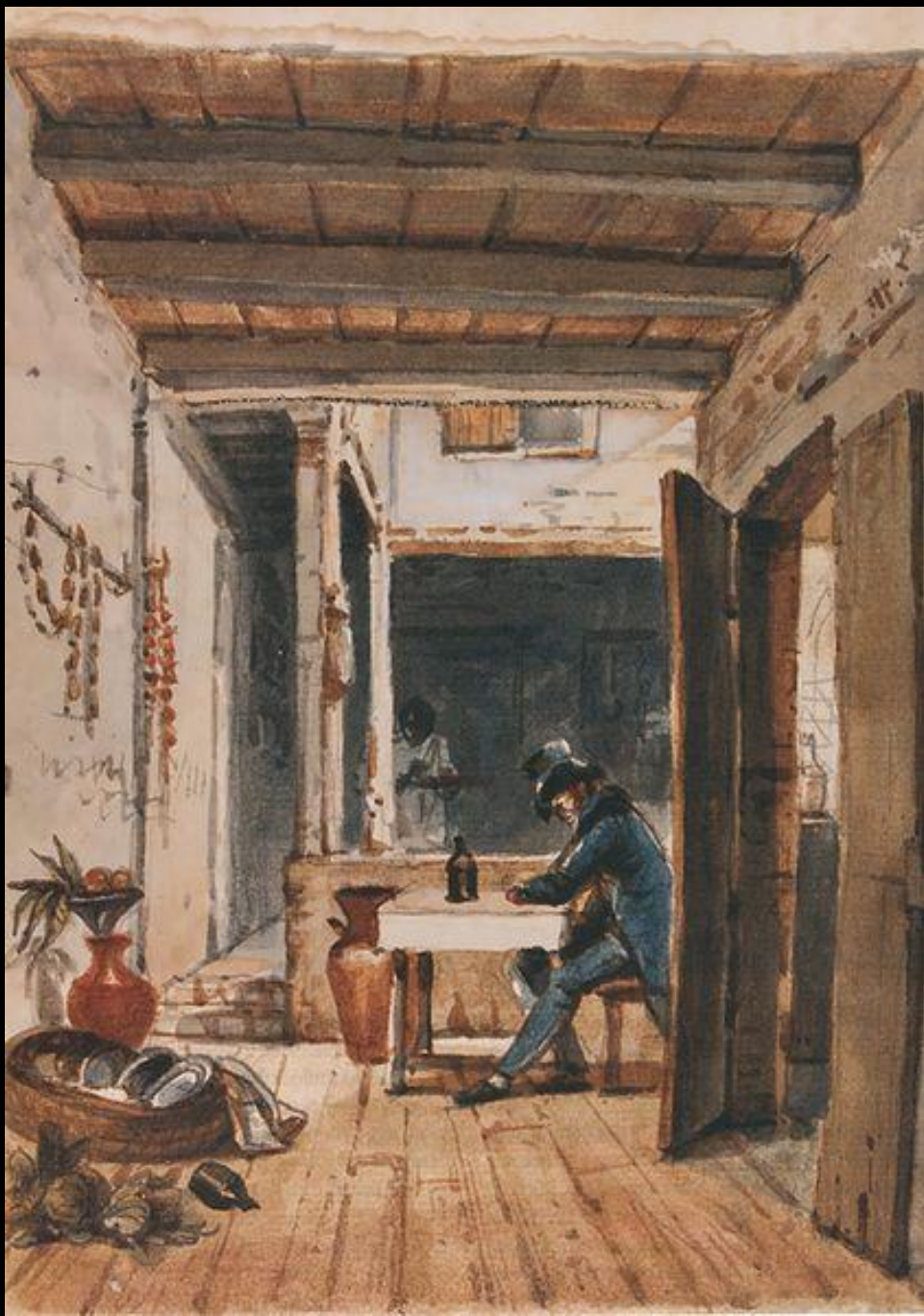
Aclamação de D. Pedro I. Óleo sobre tela, 46 x 69 cm. Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro



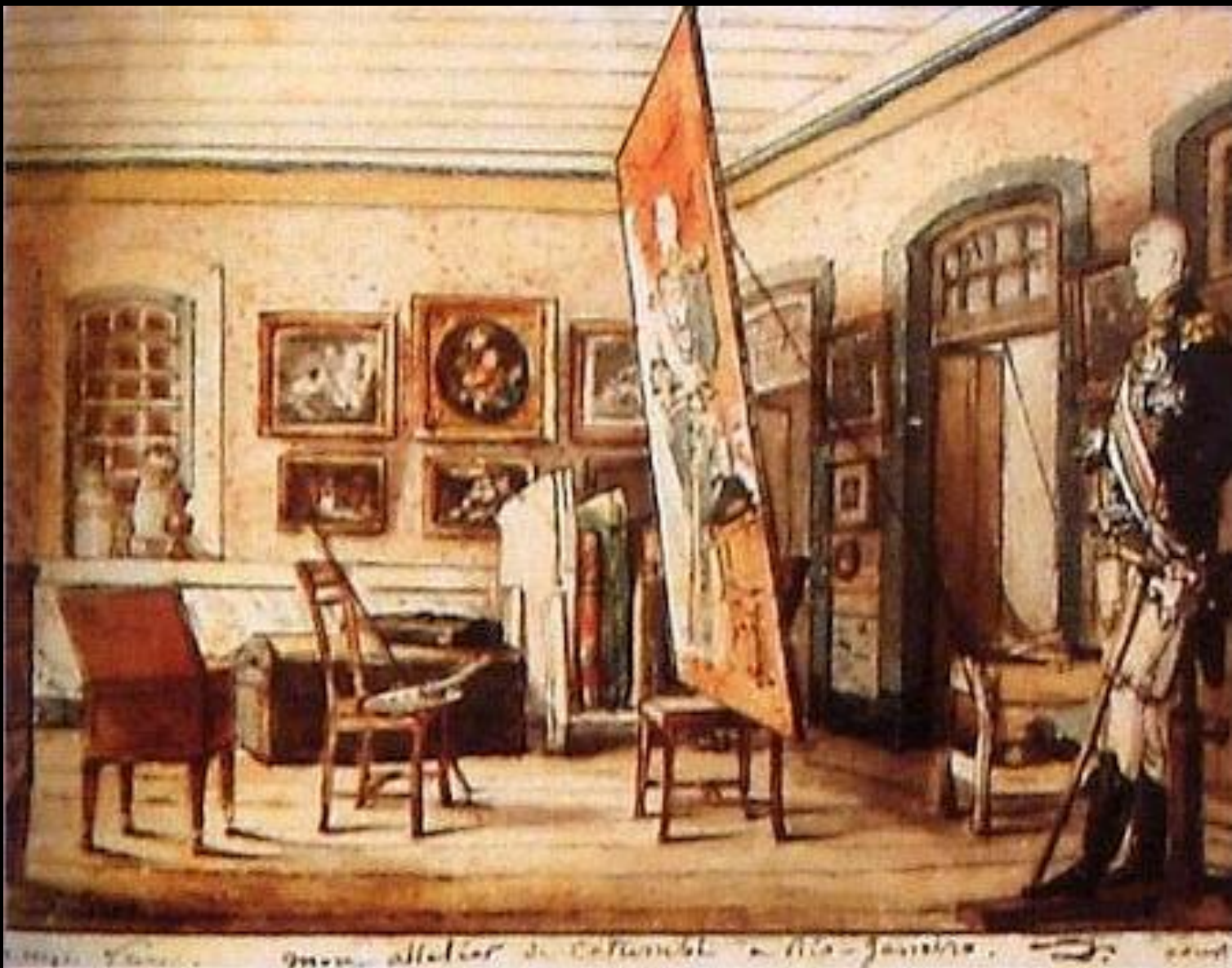
Rainha Carlota Joaquina, 1816 – 1821.
Aquarela 17,2 x 14,6 cm. Museu Castro
Maya IPHAN/MinC (Rio de Janeiro, Rj)



Desembarque de D. Leopoldina no Brasil. Óleo sobre tela, 44,5 x 69,5. Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro.



Debret na pensão. Aquarela sobre papel, 18 x 13,1. 1816. Museu Castro Maya, Rio de Janeiro.



Ateliê de Debret no Catumbi, aquarela sobre papel 18 x 13,1, 1816. Museu Castro Maya, Rio de Janeiro.



Casa provisória no Catumbi no Rio de Janeiro. Aquarela sobre papel, 4,6 x 6,2 cm, 1816. Museu Castro Maya, Rio de Janeiro.



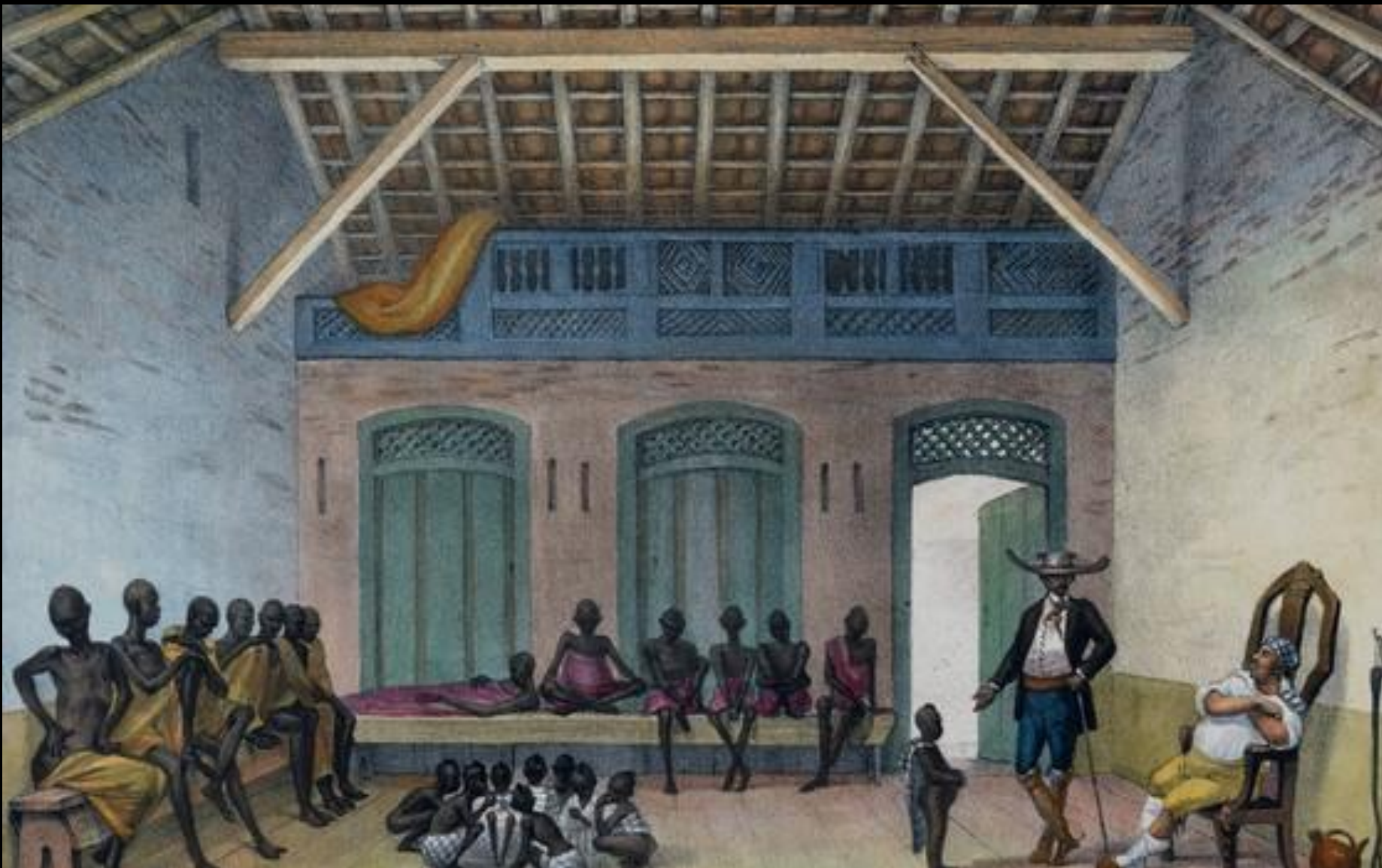
Rodrigo Borgues

Um jantar Brasileiro. Aquarela sobre papel, 15,9 x 21,9 cm, 1827. Museu Castro Maya, Rio de Janeiro.

Segundo Debret:

(...) num jantar conjugal, que o marido se ocupe silenciosamente dos seus interesses e a mulher se distraia com seus negrinhos, que substituem a raça dos cachorrinhos "Carlins", quase extinta na Europa. Estes molecotes mimados até a idade de cinco ou seis anos, são em seguida entregues a tirania dos outros serviais, que os domam a chicotadas (...).

Quanto ao jantar (...) para um homem abastado, de uma sopa de pão e caldo grosso, chamada de substância, porque é feito de um enorme pedaço de carne de vaca, ao qual se adicionam salsichas, tomates, toucinhos e couve (...) tudo bem cozido. Serve-se (...) punhado de diversas espécies de carne e legumes (...) cozidos juntos. Sempre ao lado, coloca-se o indispensável pirão (...) ao lado do pirão aparece uma galinhada com arroz, acompanhado por um prato de verduras cozidas, extremamente apimentadas. \bem ao lado uma pirâmide de laranjas (...) para acalmar o efeito da pimenta. (...) como sobremesa arroz -doce frio salpicado de canela e queijo de minas, (...) (Debret e o Brasil – obras completas. Júlio Bandeira e Pedro Corrêa do Lago, pg. 177)



Mercado de Escravos na Rua Valongo. Aquarela sobre papel, 17,5 x 26,2 cm, 1827. Museu Castro Maya, Rio de Janeiro.

Segundo Debret:

É na rua do Valongo, (...) que se encontra especialmente a loja do mercador de negros, verdadeiro entreposto onde são depositados os escravos da costa da África. As vezes pertencem a vários proprietários e são diferentes pela cor do pedaço de pano ou sarja que o envolve; a forma do chumaço de cabelo poupado em sua cabeça inteiramente raspada. (...) Essa sala de venda, , comumente silenciosa, está sempre infectada pelo miasma de óleo de rícino que exala dos poros enrugados destes esqueletos ambulantes, cujo olhar curioso, tímido, outro triste, (...). Reproduzi uma cena de venda. Reconhecendo-se pelo arranjo da loja, (...)um cigano de pequena fortuna, vendedor de negros recém-chegados. (...) pertencem a dois proprietários diferentes.

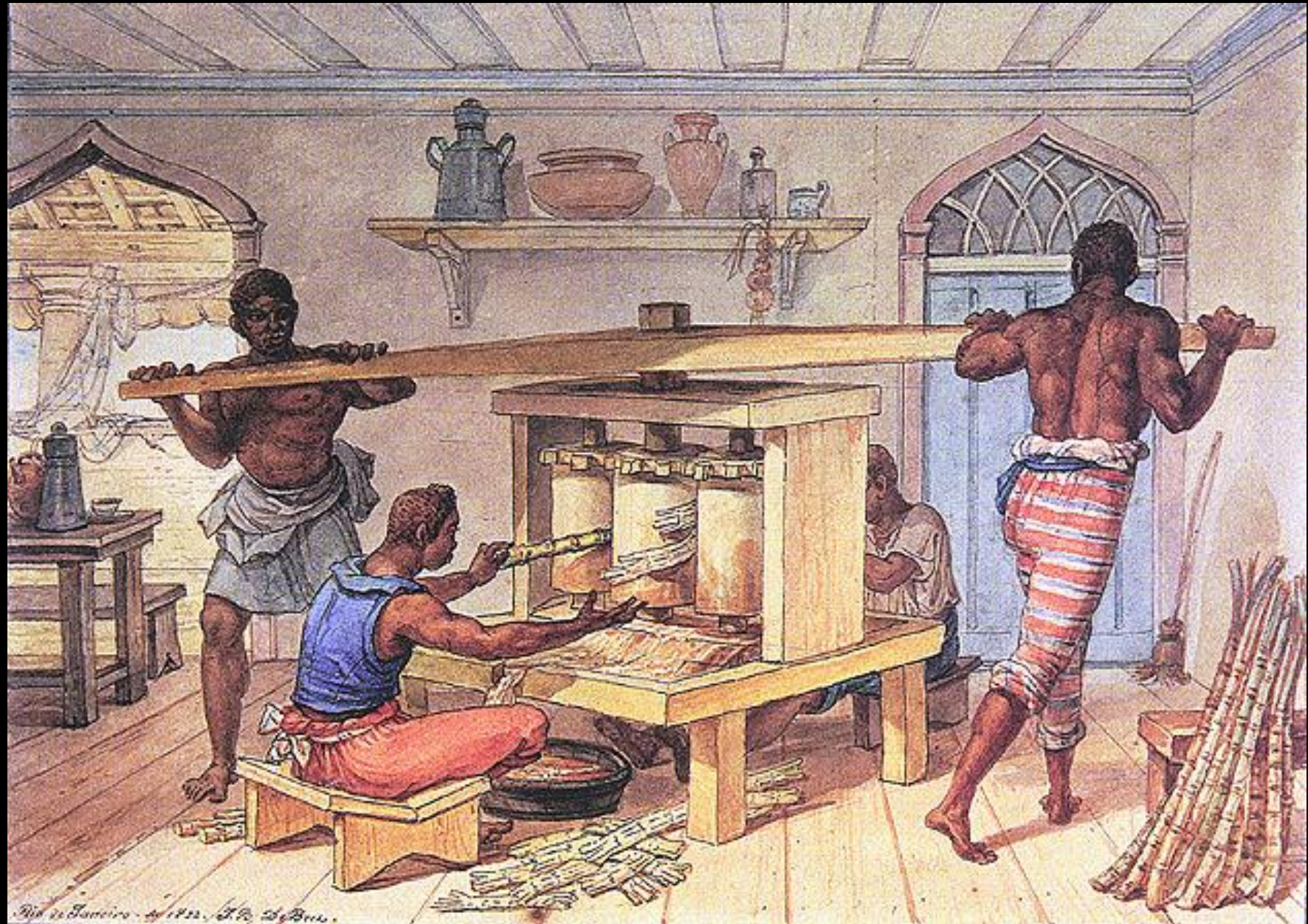
(Debret e o Brasil – obras completas. Júlio Bandeira e Pedro Corrêa do Lago, pg. 184)

Engenho manual que faz caldo de cana. Aquarela sobre papel, 17,5 x 24,5 cm, 1827. Museu Castro Maya, Rio de Janeiro.

Segundo Debret:

(...) essa pequena máquina bastante comum (moinho de açúcar portátil) que vi instalado em uma das lojas do Largo da Carioca, serve para espremer o caldo da cana (...) No fundo da loja, veêm-se uma mesa e seu banco preparados para consumidores que vêm beber, ou somente comprar certa quantidade de caldo de cana, vendida sob medida

(Debret e o Brasil – obras completas. Júlio Bandeira e Pedro Corrêa do Lago, pg. 229)



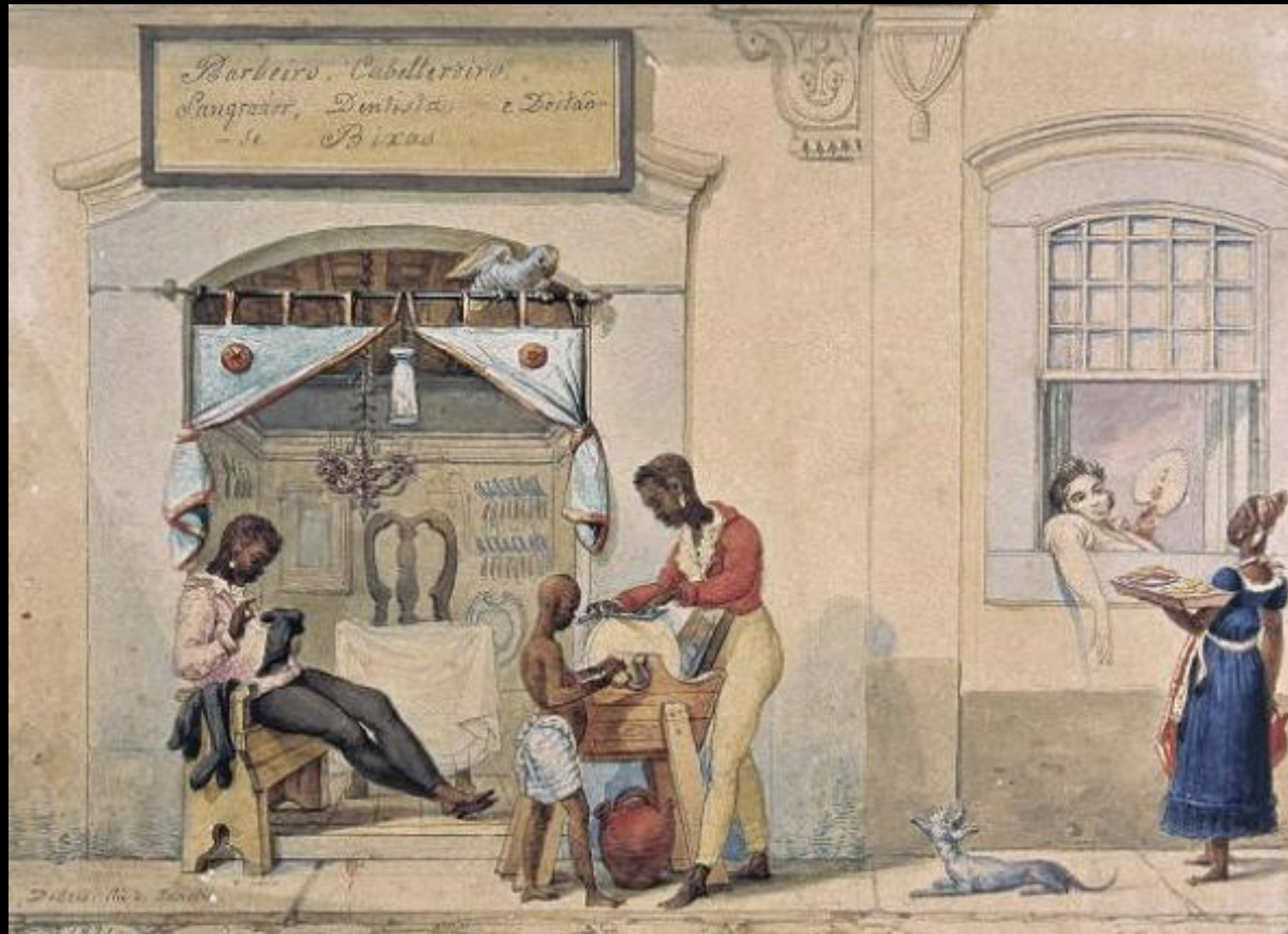
Loja do Barbeiro. Aquarela sobre papel, 18 x 24,5 cm, 1827. Museu Castro Maya, Rio de Janeiro.

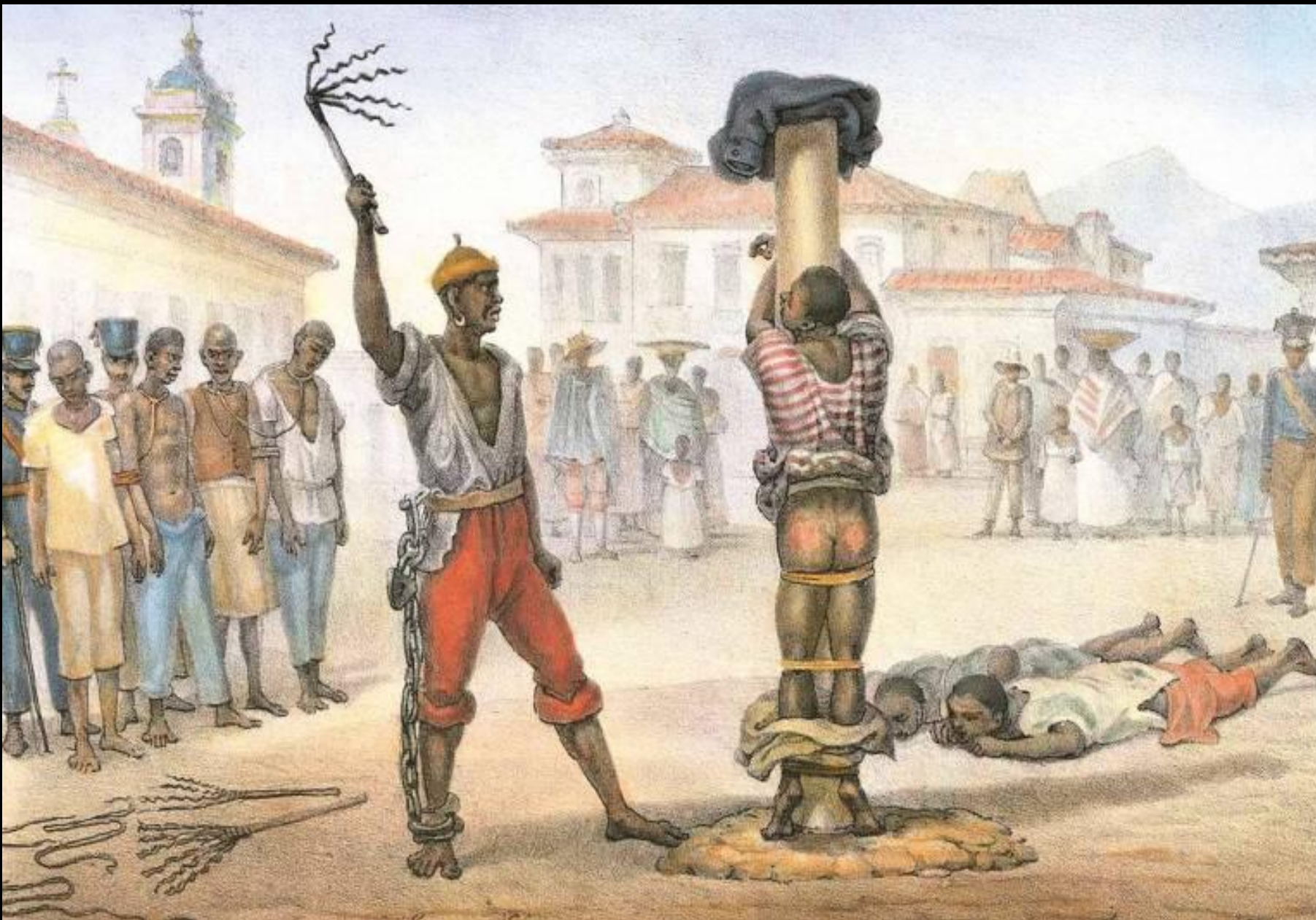
Segundo Debret:

No Brasil como em Lisboa, as lojas de barbeiros, imitadas do gênero espanhol, oferecem mesma decoração exterior como o interior, à diferença que o oficial de barbeiro no Brasil, é quase sempre negro, ou ao menos mulato. Esse contraste chocante para o europeu não impede o habitante do Rio de Janeiro com confiança em sua loja, certo de encontrar, reunidos na mesma pessoa, um barbeiro senhor de sua navalha, um cabeleireiro seguro de suas tesouras, um cirurgião familiarizado com obstrui e um hábito aplicador de sanguessugas pronto para lhe forneces. (...)

A loja (...) está ocupada por dois negros livres. Antigos escravos de boa conduta e econômicos conseguiram reembolsar ao seu senhor o preço de sua compra: cláusula legal que lhes devolve a liberdade e conferiu o nível de cidadãos, que utilizam honoravelmente na cidade.

(Debret e o Brasil – obras completas. Júlio Bandeira e Pedro Corrêa do Lago, pg. 198)

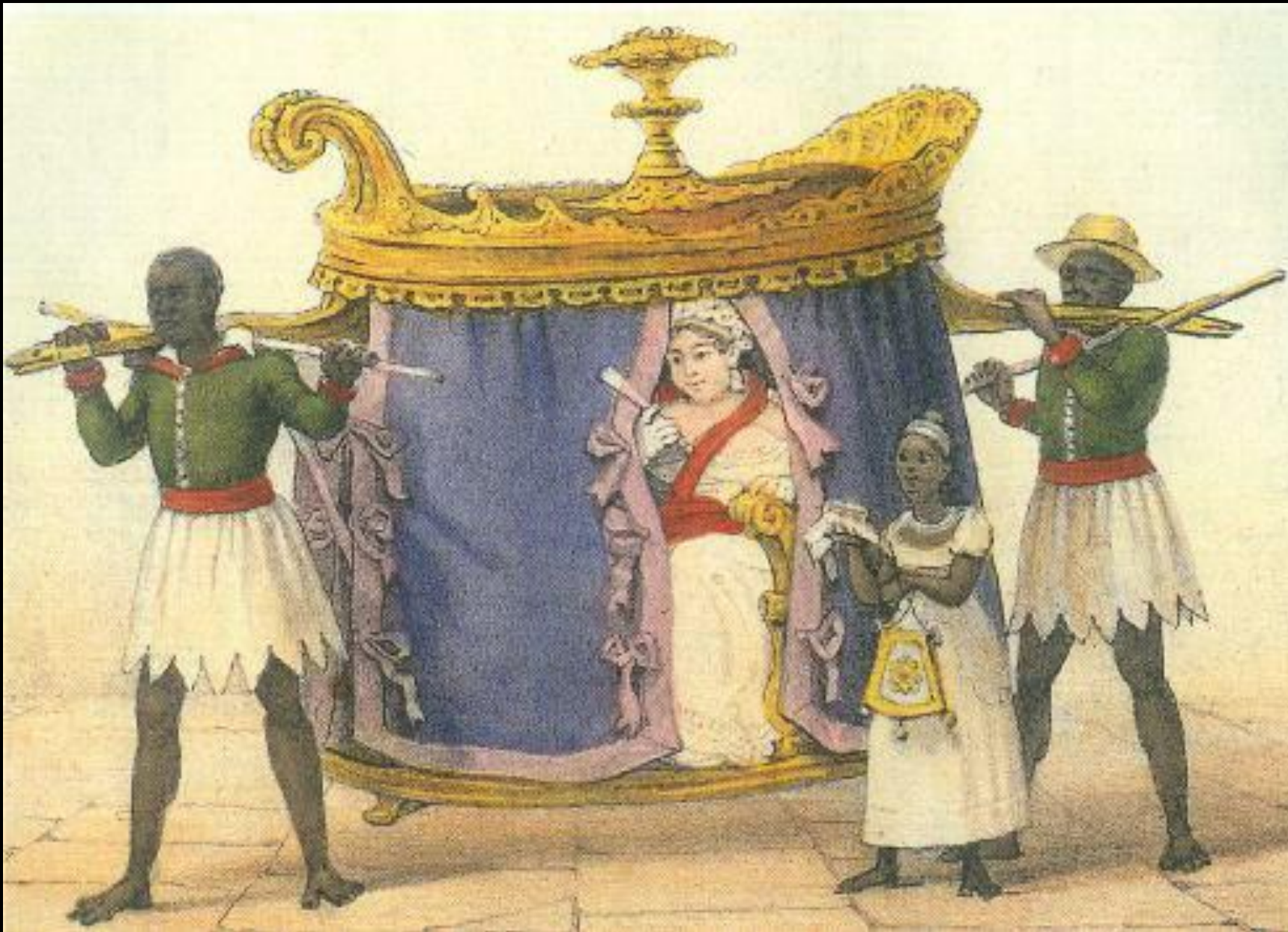




Castigo de escravo que se pratica nas praças públicas. Aquarela sobre papel, 16,3 x 22,1 cm, 1826. Museu Castro Maya.

(...) a necessidade de manter no trabalho uma numerosa população de escravos forçou a legislação portuguesa a incluir em seu código penal a punição de açoite, aplicável a todo escravo negro culpado de uma falta grave contra seu dono, tal qual a deserção, furto doméstico, ferimentos recebidos em uma rixa, etc.(...) o dono requer a aplicação da lei, que lhe concede o direito de determinar, segundo a natureza do delito, o número de chibatadas que exige, de cinquenta até duzentas.

(Debret e o Brasil – obras completas. Júlio Bandeira e Pedro Corrêa do Lago, pg. 139)



Uma senhora indo à missa numa cadeirinha. Aquarela sobre papel, 17x 22,6 cm, 1820-1825. Museu Castro Maya, Rio de Janeiro.

Segundo Debret:

(...)A cadeirinha de Lisboa, é usada no Brasil como a liteira na França. Serve comumente as senhoras para ir à missa.

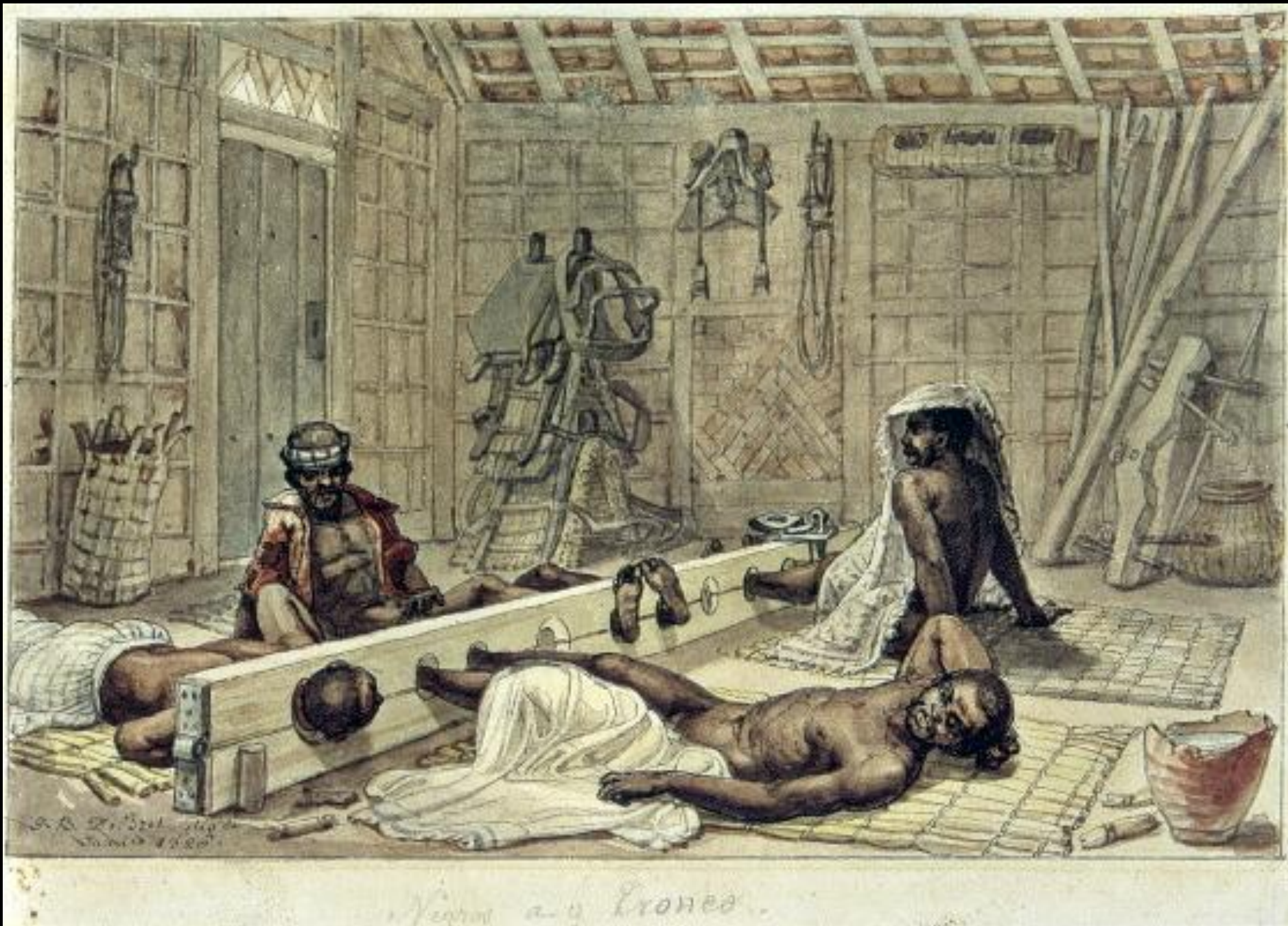
(Debret e o Brasil – obras completas. Júlio Bandeira e Pedro Corrêa do Lago, pg. 139)

Negros no Tronco. Aquarela sobre papel, 14,9x 22,6 cm, 1826-1825. Museu Castro Maya, Rio de Janeiro.

Segundo Debret:

(...)Basta-me, para estabelecer um paralelo entre os gregos e romanos e os brasileiros, citar o regimento dos libertos, o açoite e o tronco representado aqui. Não devemos nos espantar, se visitar um proprietário rural, encontrados em sua chácara o tronco, antigo instrumento de tormento, composto de duas peças de madeira de seis a sete pés de comprimento, presa a uma de suas extremidades por uma dobradiça de ferro e unidas à outra por um fecho de cadeados, cuja a fechadura o feitor (contramestre) conserva a chave.

O efeito deste entrave é fixar a superposição das duas metades dos buracos redondos onde são furados e através dos quais são furados redondos onde são furados e através dos quais são retidos os punhos ou as pernas e, às vezes o pescoço dos torturados. (Debret e o Brasil – obras completas. Júlio Bandeira e Pedro Corrêa do Lago, pg. 185)



Lavadeiras do rio Laranjeiras. Aquarela sobre papel, 16,6x 22,3 cm, 1826. Museu Castro Maya, Rio de Janeiro.

Segundo Debret:

(...) o brasileiro de todas as classes mandava, como ainda hoje se faz, um escravo lavar sua roupa. Uma família rica continua a ter suas lavadeiras negras, e a mucama é encarregada especificamente de passar as peças bordadas, no que leva pelo menos dois dias por semana: uma senhora não veste nada que não tenha sido passado de fresco, trocando de roupa novamente ao sair pela segunda vez de manhã. (...)

É bom negócio o de alugar uma chácara situada perto de um riacho a fim de utilizar suas negras como lavadeiras (...)

Deforma que assistimos todos os dias nesses estabelecimentos (...), as negras na beira do mesmo e límpido riacho (...) ensaboam a roupa; mas o fazem de uma forma incrivelmente econômica, empregando para tanto somente plantas saponáceas, como a folha de babosa (...)

Na lavagem, são também empregados excremento de cavalo e sumo de limão para fixar o colorido dos tecidos estampados. As lavadeiras brasileiras, de resto infinitamente mais cuidadosas que a nossas, têm a honra não apenas de devolver a roupa bem passada e arrumada com cuidado dentro de uma cesta, mas também perfumadas com flores olorosas, como a rosa das quatro estações (só existe no Rio), o jasmim e a esponjinha, florzinha amarela cujo forte perfume seria desagradável em grandes quantidades.

(Debret e o Brasil – obras completas. Júlio Bandeira e Pedro Corrêa do Lago, pg. 260)





Feitores açoitando negros na roça. Aquarela sobre papel, 15 x 19,8 cm, 1828. Museu Castro Maya, Rio de Janeiro.

Segundo Debret:

Chama-se feitor, na roça, o encarregado pelo proprietário de supervisionar o cultivo das terras, a alimentação dos escravos, e a manutenção da ordem entre eles; essa função lhe dão o direito de castigá-los.

Os vícios punidos são: a embriaguez, o furto e a fuga. A preguiça é reprimida a toda hora por chibatadas, ou por grandes bofetões distribuídos de passagem.

(...) Geralmente iracíveis e vingativos, acontecia muitas vezes de castigarem, eles próprios, de escravos. (...).

(Debret e o Brasil – obras completas. Júlio Bandeira e Pedro Corrêa do Lago, pg. 186)

Auguste-Marie Taunay (1768-1824)

Auguste-Marie Taunay é aluno de Jean Guillaume Moitte (1746 - 1810), na França, na Escola de Belas Artes de Paris. Atua na Manufatura Nacional de Sèvres, tendo vários de seus trabalhos reproduzidos em porcelana. Entre os trabalhos realizados pelo artista nesse período destaca-se a decoração da grande escadaria do Palácio do Louvre e do Arco do Triunfo do Carroussel, para o qual executa a escultura Couraceiro, 1807. Taunay realiza também uma famosa estátua de Napoleão, com os braços cruzados sobre o peito (...)

Em 1816, acompanhando o irmão Nicolas Antoine Taunay (1755 - 1830), como membro da Missão Artística Francesa, o escultor vem ao Brasil. Um dos primeiros trabalhos que realiza, juntamente com Debret (1768 - 1848) e Grandjean de Montigny (1776 - 1850), é a ornamentação para as festas comemorativas da aclamação de d. João VI (1767 - 1826)(...).

.(AUGUSTE-MARIE Taunay. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa21727/auguste-marie-taunay>>. Acesso em: 16 de Abr. 2019. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7)

Jean-Baptiste Debret: autorretrato publicado em **Voyage pittoresque et historique au Brésil** (1834)



Busto de Minerva. Bronze, 98.00 cm x 42.00 cm. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (Rio de Janeiro, RJ)



Busto de Camões. Bronze, 85.00 cm x 52.00 cm. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (Rio de Janeiro, RJ)

Marc Ferrez(1788-1850)

Escultor, gravador, professor. Inicia seus estudos na École des Beaux-Arts [Escola de Belas Artes], em Paris, (...). Após estada de seis meses em Nova York, chega em 1817 ao Rio de Janeiro com seu irmão, o escultor e gravador Zepherin Ferrez (1797 - 1851), e integra-se à Missão Artística Francesa, que está no Brasil desde 1816. Executa, com Auguste Marie Taunay (1768 - 1824), Debret (1768 - 1848), o irmão Zepherin e o arquiteto Grandjean de Montigny (1776 - 1850), a decoração dos monumentos festivos por ocasião da chegada da princesa Maria Leopoldina (1797 - 1826) e de seu casamento com dom Pedro I (1798 - 1834). Em 1820, Ferrez é nomeado professor pensionista (substituto) da Academia Imperial de Belas Artes - Aiba e, em 1829, participa da primeira exposição da Aiba, organizada por Debret. Após a morte de Taunay, em 1824, ocupa o cargo de segundo professor de escultura e, (...)em 1837, torna-se catedrático de escultura da Aiba. Esculpiu, em 1842, os móveis dos aposentos da futura esposa de dom Pedro II, princesa Teresa Cristina (1822 - 1889), na fragata Constituição, que a trouxe da Europa. (MARC Ferrez. In:

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa21644/marc-ferrez>>. Acesso em: 16 de Abr. 2019. Verbete da Enciclopédia.

ISBN: 978-85-7979-060-7)

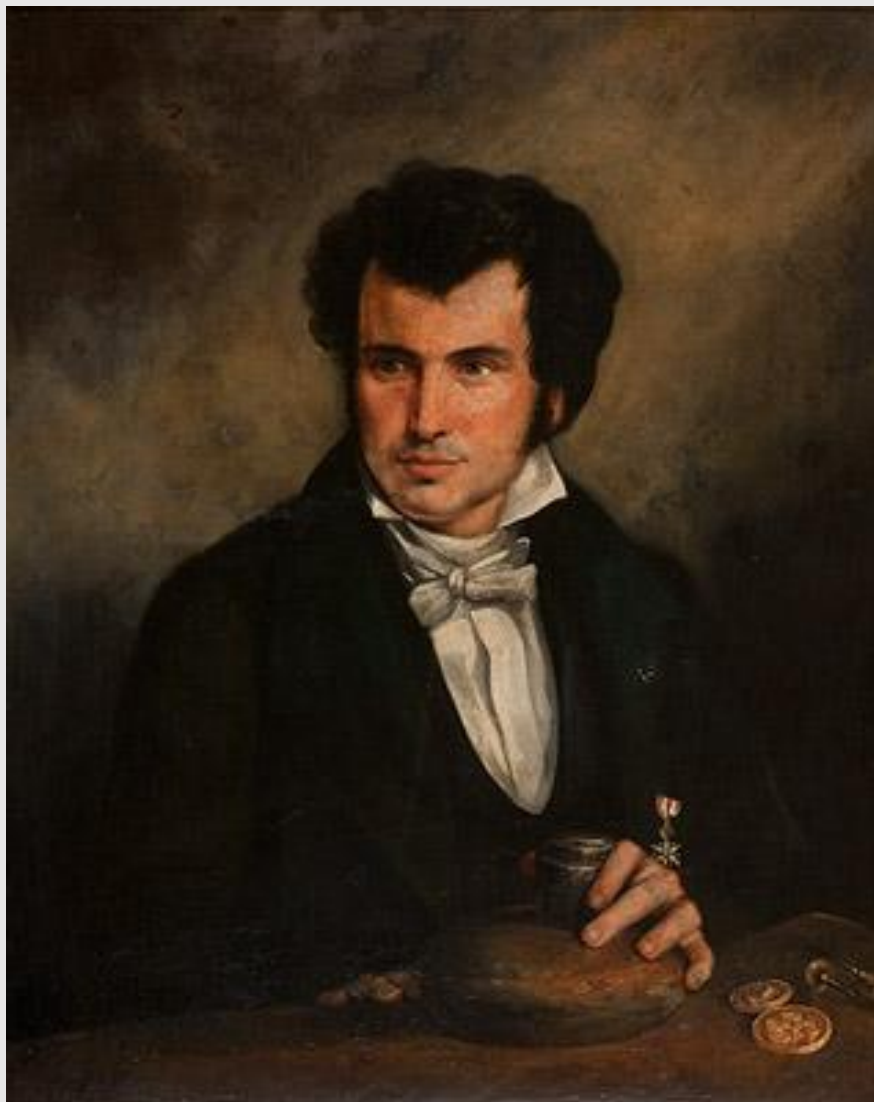


Baronesa de Sorocaba, s.d. Bronze 50 x 43 x 28 cm.. Museu da Escola de Belas Artes Dom João VI, Rio de Janeiro.



Busto de Dom Pedro I, 1826.

Cópia em biscuit de escultura em gesso de Marc Ferrez. Museu histórico nacional, Rio de Janeiro.



August Muller. Óleo sobre tela, 80.00 cm x 63.00 cm. Acervo Banco Itaú

Zepherin Ferrez (1797 - 1851)

(...) Medalhista, escultor, gravador e professor. Inicia sua formação em 1810, na cidade de Paris, onde estuda gravura e escultura (...). Vem para o Brasil com o irmão Marc Ferrez (1788 - 1850) em 1816 e, mais tarde, estabelece contato com os integrantes da Missão Artística Francesa. No ano seguinte, realiza com Auguste Marie Taunay (1768 - 1824), Debret (1768 - 1848) e Grandjean de Montigny (1776 - 1850) os trabalhos decorativos nas ruas e praças da cidade do Rio de Janeiro para as festividades da chegada da Princesa Leopoldina (1797 - 1826). (...) Em 1820, grava a medalha Senatus Fluminenses, em honra à aclamação de D. João VI, cerimônia ocorrida dois anos antes. Em 1826, realiza com o irmão uma série de baixos-relevos e esculturas de terracota para ornamentação da fachada do prédio da Aiba, oficialmente inaugurada nesse ano. Torna-se o primeiro professor oficial da cadeira de gravura da Aiba, em 1836. Participa da Exposição Geral de Belas Artes, em 1842, e é condecorado com a Ordem Imperial Rosa pelo trabalho Fidelidade de Amador Bueno da Ribeira. (ZÉPHERIN

Ferrez. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa22142/zepherin-ferrez>>. Acesso em: 16 de Abr. 2019.

Verbete da Enciclopédia.

ISBN: 978-85-7979-060-7)



Medalha Comemorativa da Aclamação de D. João VI em 1818 ou Medalha Senatus Fluminensis. 1820, bronze. Acervo Banco Itaú S.A / Itaú Numismática - Museu Herculano Pires



D. Pedro II [Adolescente], 1839, terracota, 58 x 47 cm. Acervo do Museu imperial/ IPHAN/Minc (Petrópolis, RJ)



Busto D. Pedro II em Trajes Majestáticos, 1846, bronze, 58,5 x 56 x 32 cm. Acervo do Museu imperial/ IPHAN/Minc (Petrópolis, RJ)



+

A'



Peça da Coroação pertencente ao numismata Julius Meili em 1890.

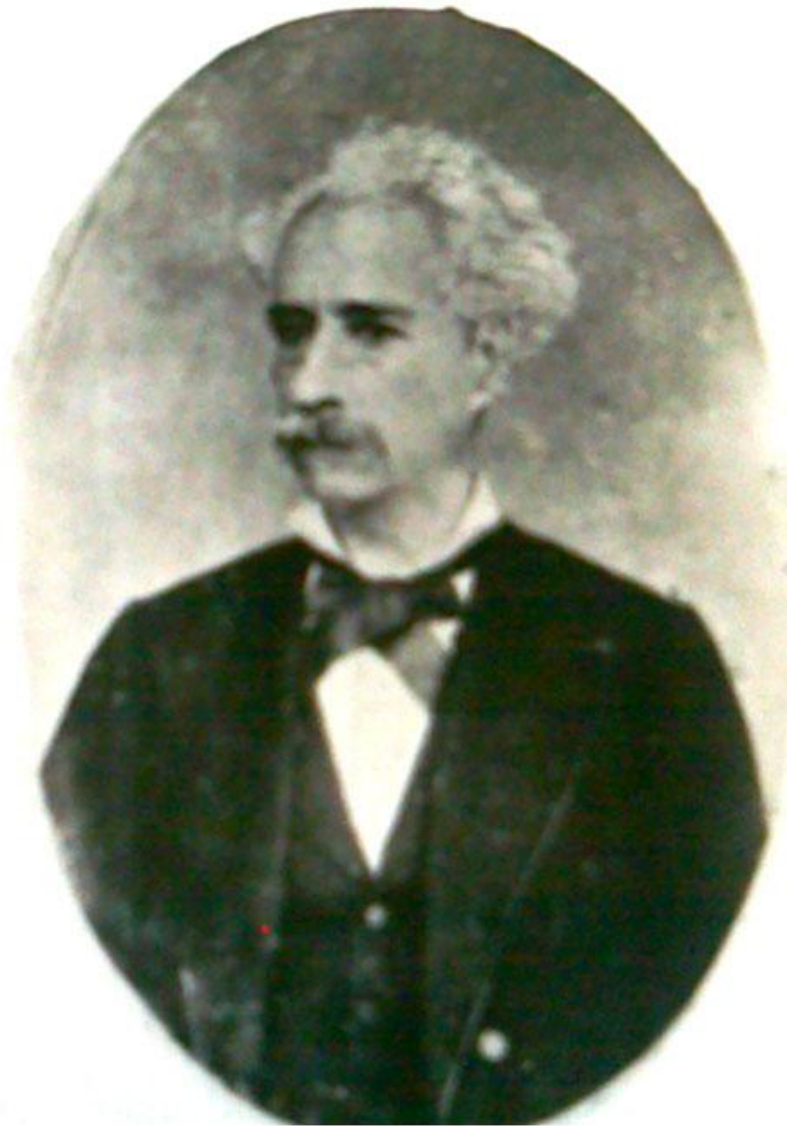


Foto de Francisco Manuel Chaves Pinheiro.
Rio de Janeiro, Museu D. João VI / EBA / UFRJ.

Manuel Chaves Pinheiro(1822 - 1884)

(...) Escultor, professor. Começa a estudar escultura na Academia Imperial de Belas Artes - Aiba, Rio de Janeiro, com Marc Ferrez em 1833. Participa diversas vezes das Exposições Gerais de Belas Artes, entre 1845 e 1879. Recebe medalha de ouro com o trabalho de gesso Alegoria à Libertação do Brasil, em 1845. Em 1850, ingressa como professor na Aiba, sendo nomeado substituto da cadeira de escultura, da qual se torna titular dois anos mais tarde(...). Participa da Exposição Internacional de Paris em 1867, e exhibe a escultura equestre de gesso de dom Pedro II na rendição de Uruguaiana, seu mais importante trabalho de estatuária. Em 1872, realiza a escultura Índio Simbolizando a Nação Brasileira, um dos mais característicos exemplos do indigenismo nas artes visuais brasileiras(...).(CHAVES Pinheiro. In: ENCICLOPÉDIA

Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa21762/chaves-pinheiro>>. Acesso em: 16 de Abr. 2019. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7)



Estátua equestre de Pedro II. Moldada em gesso em 1866, para comemorar a rendição de Uruguai em 18 de setembro de 1865, durante a Guerra do Paraguai, a escultura nunca chegou a ser fundida em bronze. Medindo 2,80m de altura e 3,00m de comprimento, a escultura esteve exposta à visitação pública desde a fundação do Museu em 1922 até 1985. Museu Histórico nacional, Rio de Janeiro.



Índio, Figura Alegórica do império Brasileiro, 1872, terracota 192 x 75 x 31 cm. Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro.

Música e Teatro na Corte Brasileira

- Chegada de D. João ao Brasil em 1808;
- A música toma grande impulso não só no setor religioso como no profano no Rio de Janeiro;
- Depois que o príncipe se instalou no Rio, mandou buscar músicos em Lisboa e *castrati* italianos. (História da Música no Brasil. Vasco Mariz, pg.42)
- Reorganização da Capela Real;
- Chegada do compositor de óperas **Marcos Portugal**(1762-1830), em 1811, deu impulso a música profana; (História da Música no Brasil. Vasco Mariz, pg.39)
- Em 1810 o príncipe regente, manifesta por meio do decreto o seu desejo de “ ***nesta capital (...)se erija um teatro decente e proporcionado à população e ao maior grau de elevação e grandeza em que se acha pela minha residência nela(...)***”
- 1813 o primeiro teatro de grandes dimensões no Brasil pondo fim ao ciclo das “casas de ópera”; (História Concisa do Teatro Brasileiro. Décio de Almeida Prado, pg.31-33)

Uma série de cinco edifícios teatrais levantados no local, três deles consumidos pelo fogo, em 1824, 1851, 1858, e quarto vítima, em 1950 de um feroz ímpeto destruidor e modernizador.

Sua denominação variou conforme as circunstâncias históricas:

- **Teatro São João**(nome do príncipe regente)
- **Teatro de São Pedro de Alcântara** (proclamação da independência)
- **Teatro Constitucional Fluminense** (abdicação do Imperador)
- **Teatro São Pedro de Alcântara** (D. Pedro II firmara-se na sucessão dinástica)
- **Teatro João Caetano** (denominação atual); (História Concisa do Teatro Brasileiro. Décio de Almeida Prado, pg.31-33)



Pintura de Jean Baptiste Debret (cerca de 1834) retratando o Teatro São João.



Atual teatro João Caetano

Padre José Maurício Nunes Garcia (1767-1830)

(...) Compositor, cravista, organista, violeiro, mestre-de-capela, padre. Órfão de pai aos 6 anos, fica aos cuidados de sua mãe Vitória Maria da Cruz, filha da escrava Joana Gonçalves. A mãe tem o cuidado de direcionar o aprendizado do filho para a música.(...)

A atividade musical no Brasil durante quase todo o período colonial funciona basicamente no âmbito das funções religiosas, (...). Então é na igreja onde o jovem José Maurício desenvolve sua carreira musical. Ali pode dedicar-se à composição, à regência e às aulas gratuitas que oferece aos que não têm condições de pagar por elas. Desse modo, sua produção artística é essencialmente religiosa, tendo composto algo em torno de quatrocentas peças. Dedicou a maior parte de sua atividade à composição de missas, novenas, salmos, hinos, motetos, *Te Deum*, e outras variantes da liturgia, tendo ainda composto música dramática, modinhas e música para orquestra, como a abertura *Zemira (do hebraico melodia)*, composta em 1803.(JOSÉ Maurício Nunes Garcia. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e

Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa483660/jose-mauricio-nunes-garcia>>. Acesso em: 16 de Abr. 2019. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7)



Zemira, Ouverture (1803).In: <https://www.youtube.com/watch?v=kQxJGmYkJ4s>



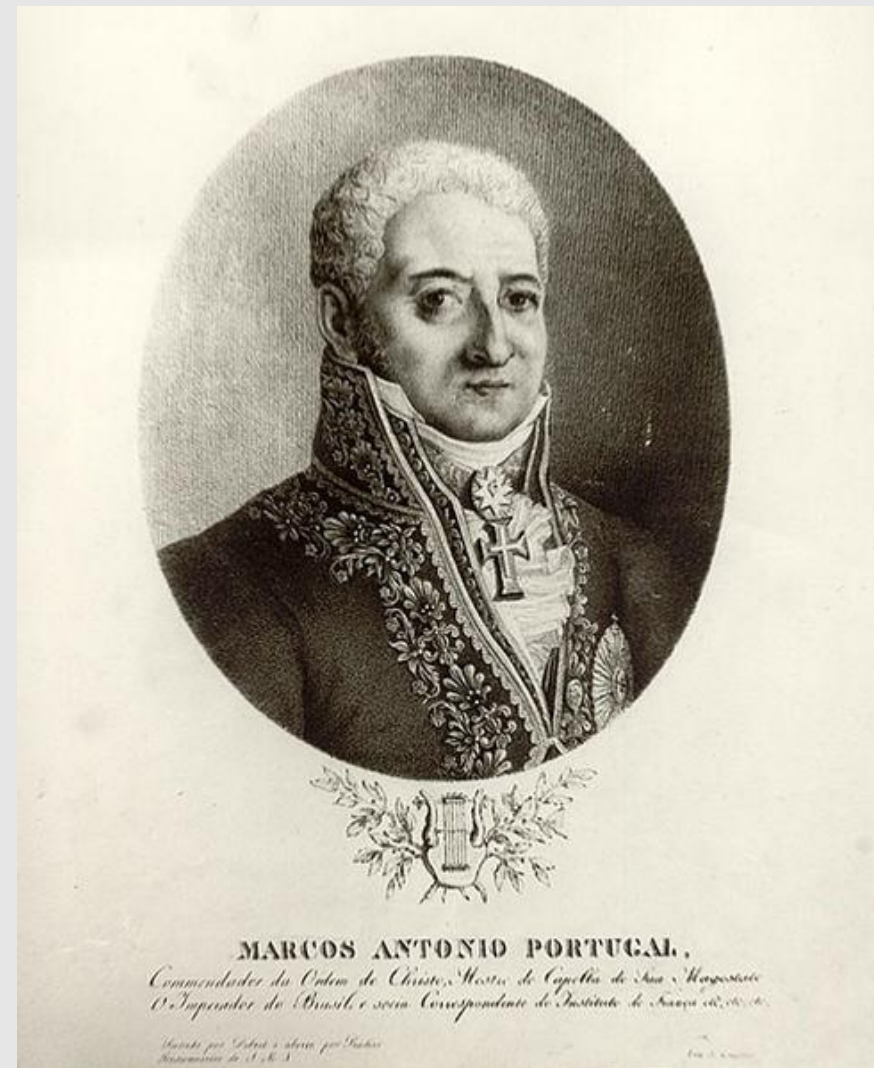
Detalhe do retrato do Padre José Maurício Nunes Garcia realizado por seu filho José Maurício Jr, séc. XIX.

Marcos António da Fonseca Portugal (1762-1830)

(...) mais importante músico português (...) foi menino prodígio em Lisboa, aperfeiçoou-se em Nápoles (...). Suas óperas não só dominaram a cena em Portugal, como também foram apresentadas com algum sucesso em várias capitais européias, inclusive São Petersburgo (Rússia). Sua música não era original, nem a inspiração de primeira água, razão pela qual não sobreviveu ao seu ator. Chegou ao Rio de Janeiro “ feito um lorde, com fumos mui subidos” e trouxe consigo vários músicos portugueses, fator importante talvez para o afastamento de Maurício. Como era de se prever, hostilizou de imediato o tímido mulato. São conhecidas algumas cenas de competição entre os dois compositores e se José Maurício levou a melhor no momento, o invejoso e prepotente lusitano em breve conseguia completo domínio do meio musical carioca. (História da Música no Brasil. Vasco Mariz, pg.41)



Este Requiem (missa para os mortos) foi composto para homenagear a rainha Maria I de Portugal (1734 - 1816). Esta gravação foi feita em 2008, pela Orquestra Sinfônica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Ricardo Rocha, cond.) E pelo Coral Companhia Bachiana Brasileira. In: <https://www.youtube.com/watch?v=Eou6yONjIKM>



Charles-Simon Pradier baseado em pintura de Jean-Baptiste Debret (antes de 1848).

João Caetano dos Santos (1808 – 1863)

Considerado o primeiro teórico da arte dramática brasileira, é responsável pela profissionalização do teatro no país. João Caetano (...)Especializa-se em papéis dramáticos, encenando peças de dramaturgos europeus, como William Shakespeare e Alexandre Dumas.

Em 1833 funda a própria companhia teatral em associação com a bailarina e atriz **Estela Sezefreda**, com quem se casa em 1845. Com a montagem de Antonio José, ou O Poeta e a Inquisição (1838), de Gonçalves de Magalhães, introduz temas brasileiros no teatro desenvolvido no país. Sua companhia rompe com a tradição então predominante, totalmente influenciada pela dramaturgia portuguesa, ao encenar autores nacionais.

Ela também revoluciona a representação dramática ao colocar no palco apenas atores brasileiros, uma prática incomum na época. Nos livros **Reflexões Dramáticas** (1837) e **Lições Dramáticas** (1861), (...) apresenta seu ideário estético do teatro: a substituição dos "vícios declamatórios do estilo lusitano por um estilo de representar mais simples e verdadeiro".

In: <https://www.algosobre.com.br/biografias/joao-caetano.html#menu2>



CHAVES PINHEIRO: O ator João Caetano como Oscar, 1860.
Bronze.
Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas Artes.

Material de apoio

Canal Buenas Ideias – Missão Francesa – Eduardo Bueno:

<https://www.youtube.com/watch?v=BEW4UqvXHsw>

Animação - Chegada da Família Real Portuguesa - Dom João no Brasil (Canal FUTURA) TODOS OS EPISÓDIOS:

<https://www.youtube.com/watch?v=D2fvC74UeAY>

Tour virtual pelo Museu da República antigo Palácio do Barão de Nova Friburgo (Atenção é preciso permitir a execução de flash player):

http://www.eravirtual.org/mrepublica_01_br/

Aula da historiadora Lilia Schwarcz - Visões do Brasil, Século XIX - Artes Visuais: Natureza e Escravidão na Obra de Taunay:

<https://www.youtube.com/watch?v=22fwPv JD8U>

Programa Harmonia – Padre José Maurício :

<https://www.youtube.com/watch?v=4ygPFds47T0&t=22s>

Casa França Brasil, antiga Praça do Comércio em 3D no 3D Warehouse:

<https://3dwarehouse.sketchup.com/model/7f82dc5de74afeb966b48033321be9fe/Casa-França-Brasil>

Tour virtual pelo Museu Imperial de Petrópolis:

<http://museuimperial.museus.gov.br/servicos-online/tour/visita-interativa>

Biblioteca Brasileira da USP – “Voyage pittoresque et historique au Brésil” de Jean Baptiste Debret:

Volume I - <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3813>

Volume II - <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3802>

Volume III - <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4716>